

O HERALDO

Director, proprietario e editor
JOSÉ MARIA DOS SANTOS ANTIGO
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 1, 3

Redacção, administração, composição e impressão
“JORNAL DE ANNUNCIOS”
 TYPOGRAPHIA BUROCRATICA
 RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7, 9

José Pereira de Sampaio (Bruno)

O gesto nobilíssimo de Machado Santos chamando no *Intransigente* a atenção dos homens da Republica para a injustiça que se cometera contra a prestigiosa individualidade, que é José Pereira de Sampaio (Bruno), floriu sob uma captivante atmospheria de sympathias.

A esta hora, uma mensagem assignada pelos principaes vultos da democracia, desagrou o venerando e intemerato republicano historico, chamando-o a prestar de novo o valiosíssimo concurso da sua poderosa intelligencia e os innumerables recursos da sua vastissima erudição á grande obra da Republica.

Mas quem é, afinal Sampaio (Bruno)?

É um velho republicano historico com uma larga folha de serviços, um luclador, que de longa data vinha demolindo com a camartello de oiro da sua argumentação sensatissima o velho pardieiro do monarchismo!

É um caracter lealissimo e honesto, uma mentalidade superior, infelizmente pouco apreciada.

Aqui, no Algarve, entre a grande massa dos humildes, dos que trabalham, dos que lucram pelos ideaes democraticos e avançados, e que deviam tomalo por exemplo pela sensatez dos processos, que sempre empregou e pela presistencia e firmeza que sempre evidenciou na lucta, o seu nome será pouco menos que desconhecido.

É todavia elle é um dos propagandistas mais desinteressados do grande ideal!

Mas que fez Sampaio (Bruno), que procedimento foi o seu, para que tivesse de refugiar-se no lamentavel ostracismo de que á honrosa mensagem de Machado Santos o foi arrancar?

Nada que o fizesse desmerecer do alto conceito em que o teem todos os portuguezes cultos.

Simplemente, no seu jornal do Porio, usando de um direito plenissimo de critica e escudado pela sua experiencia e pela sua longa folha de serviços á causa democratica, Sampaio (Bruno) republicano historico, se permitiu aconselhar urbanamente os dirigentes no sentido de não consentirem que a *rua* continuasse mandando, que a Republica Portuguesa fosse conservadora e para todos os portuguezes dignos e honestos e não só para a pequena minoria dos arrigimentados nas commissões do directorio!

Foi elle o primeiro a insurgir-se contra a humilhante *sobriquet* de *adhesivo* dado aos que espontaneamente se acolhiam sob a nova bandeira que a revolução triumphante deu á patria Portuguesa.

A celeuma a que as criticas e os conselhos do honrado cidadão deram origem, constituem um snedal de miserias que envergonharia uma raça, se na raça portugueza, abastardada pelos innumerables crusa-

mentos com as raças inferiores, predominassem os homens de caracter.

Mas não predominam.
 Ha-os todavia, como José Pereira de Sampaio (Bruno) a quem o *Heraldo* hoje saudá envolvendo na mesma saudação a prestigiosa e honesta figura de Machado Santos, o glorioso heroe da Rolunda.

MEZ DE MARIA

Tem hoje logar na igreja de Sant'ago a festa do encerramento do Mez de Maria tocando durante as solemnidades, musicos da philharmonica 1.º de Janeiro.

Pela manhã realisa-se a communhão das creanças e a festa, orando o reverendo Gomes. A tarde, festa, orando o reverendo Lucio Floro.

THEATRO TAVIRENSE

Ficam por esta forma prevenidos os srs. assignantes de camarotes e todas as pessoas que já tinham comprado locações para os espectaculos a realizar nos mezes de junho e julho de que nenhum espectáculo terá logar por motivo de ter a autoridade prohibido que no Theatro Tavirense se dessem espectaculos ou reuniões sem que fossem feitas modificações no referido theatro.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Passou no dia 1 do corrente o vigessimo primeiro anniversario do suicidio do grande escriptor portuguez que se chamou Camillo Castello Branco.

Anniversario de lucto para a nacionalidade portugueza, o *Heraldo* regista-o commovidamente, lembrando o grande creador de tantos primores litterarios, o Mestre illustre, cujo genio fulgorante predomina na historia da litteratura patria como um dos luzeiros de mais intenso brilho!

Interesses do Algarve

Reproduzimos do *Diario de Noticias*:

O sr. governador civil de Faro, acompanhado dos srs. dr. Gil, presidente da commissão municipal republicana, Martins Palla, membro da mesma commissão; os deputados eleitos pelo Algarve, e os officiaes do estado maior, naturaes do Algarve, srs. Sant'Anna Cabrita e Ortigão Peres, foram hontem recebidos pelos srs. ministros do interior, guerra e fomento, solicitando, do primeiro que o lyceu de Faro seja elevado a central; ao segundo, que na mesma cidade seja collocada uma divisão militar; e ao terceiro, reparação de varias estradas naquella provincia; construcção de algumas estradas ligando o Algarve com o Alentejo, a construcção do ramal do caminho de ferro de Portimão a Lagos.

O sr. dr. Antonio, José de Almeida respondeu serem esses os seus desejos elevar o lyceu a central, mas o que seria muito conveniente era installar ali um internato. O sr. coronel Barreto disse que estando uma commissão encarregada da reorganisação do exercito, a ella competia esse assumpto, ao que elle ministro, se não opporia e o sr. dr. Brito Camacho respondeu, que em quanto á questão das estradas, no futuro anno economico destinaria dotação precisa para aquelles trabalhos, e relativamente ao ramal do caminho de ferro, em tempo competente trataria do assumpto,

VARIA

VANITAS... VANITATEM

Couta-se que conversando uma vez Annibal com o seu illustre rival Sci-pião, perguntou este áquelle:

—Qual é na tua opinião, o primeiro capitão do mundo?

—Alexandre de Macedonia, replicou sem hesitar o caudillo carthaginez.

—E o segundo?

—Pyrrho.

—E o terceiro?

—Eul—disse altivamente o heroe.

—E que dirias se me tivesses vendido em Zama?

—Então reputar-me-hia o primeiro de todos.

Este singelo dialogo parece-me simplesmente admiravel.—tanto como os homens que o sustentaram.

Dir-se-ha talvez que é apocrypho, inventado por algum chronista que merecia sel-o de laes campeões; mas se não é authentico, deveria ser.

Além d'isto, se todas as phrases historicas attribuidas a tal ou tal personagem, tivéssemos que passal-as pelo cadinho da averiguação meticolosa—que serie de decepções, que desmoronamento de ideias nobres, alevantadas, exuberantes de grandeza e poessial!

Em todo o caso, prefiro seguir o profundo conselho do padre mestre Fr. Manoel dos Remedios: «Não convem analysar, não convem analysar; crêr é melhor.»

Pois não analysarei, e negro me veria para o fazer se o intentasse!

O grau de certeza de uma phrase que um viajante americano, muito innoculivo ou muito indiscreto, põe na boca do principe de Bismark. pretendendo tel-a ouvido no discurso de uma entrevista que o referido yakee teve com o grande prussiano, pouco tempo depois do romnimento do chancelier de ferro com Guithermo II.

—Principe, perguntou o viajante, qual é na sua opinião o politico mais habil e profundo que tem havido neste seculo?

—Cavour... replica o chao Keller. A sua obra era tão difficil como gigantesca, e se não a realizou toda por sua mão, foi elle quem a preparou e resumiu todos os materiaes.

—E depois do grande ministro italiano, quem?

—Se lhe perguntarem isso, tornou Bismark apoz breve pausa diga que sou eu.

Se a pbrase não é certa, merece sel-o—como a de Annibal.

Que soberbo orgulho! dirão os imbecis, escandalisando-se, pois é uma das prerogativas mais legitimas de que dispõe: a de escandalisarse perante qualquer *clau* de superioridade que se reconhece e se proclama a si mesmo.

Bein; e então? Haverá orgulho, haverá soberba nestas phrases, mas a soberba e orgulho altos, dignos, quando o cerebro que pensa aquellas palavras soube combinar postentosos feitos; são sobretudo, quando obedecem a um viril e momentaneo repto e não á continua contemplação e adoração do eu, ás insupportaveis manifestações da vaidade de que enferma tantos illustres varões e... barões.

A vaidade tem tambem as suas phrases... Obl se tem!... muitas mais que o orgulho; mas que differença entre as que este inspira nos bons momentos e a que inspira a outra! O que as torna desculpaveis é a propria inconsciente simplicidade com que são ditas. Algumas dellas

turnaram-se celebres; ontras merecem sel-o.

Um distincto critico francez pede uma noite liceoga a um grande poeta para apresentar-lhe um certo joven provinciano que deseja publicar os seus primeiros ensaios litterarios, e que professava grande admiração pelo auctor da *Graziella*. Consente o illustre *vate*, verifica se a apresentação, travando-se colloquio e, retirando-se depois o critico, pergunta a Lamartine:

—Meu caro poeta, que lhe parece o meu joven recommendado?

Responde Lamartine evasivamente, o que obriga o outro a perguntar ainda, com certa inquietação, se no joven provinciano notou alguma coisa desagradavel e repulsivo.

—Eu lhe digo... replicou desgostoso o grande poeta, observei que esse rapaz, apezar de achar se na minha presença, não estava perturbado nem commovido...

Voltaire perguntava ingenuamente: —Acreditam que Jesus Christo tivesse mais talento do que eu?

Alexandre Dumas, pae, gosava de reputação legendaria pelas suas vaidosas expansões, mas era a sua vaidade tão franca, tão infantil, *si bon enfant*, por que era graciosa. Uma vez, porém, a sua vaidade causou-lhe profunda mortificação.

Estava no palco da opera, com George Sand, com a qual cruzava um d'esses dialogos fasciantes de graça e de *esprit*, em que eram primorosos os dois grandes romancistas. Todos escutavam deliciasas aquelle fusilar de agudezas e unicamente um cavalheiro parecia summamente molestado com que os dois interlocutores, conversando em voz alta, lhe impedissem de ouvir á sua vontade o 2.º acto do *D. Juan*, que se estava cantando.

É tão ostensivamente manifestou o seu desgurado, murmurando um imperioso *pschi!* que o auctor dos *Tres mosqueteiros* voltou-se e disse-lhe em ar de reprehensão:

—Senhor, quando se tem a sorte de poder sahorear uma conversação entre duas pessoas illustres e de talento como *Madame George Sand* e *Monsieur Dumas*, ha o dever de recolhêr-se, calar se e ouvir.

Mas o espectador com glacial ironia:

—Permitta-me observar-lhe que Mozart é muito mais illustre e que tinha muito mais talento, elle só, que Monsieur Dumas e Madame Sand rennidos, tendo tambem em attenção que ao lado da musica de *D. Juan*, todas as conversações são insulsas.

—Tem carradas de razão! Apoiou a auctor da *Petite Fadette*, sorrindo. Mas Dumas ficou entupido, sem saber que replicar, e pouco depois afastava-se furioso e bumilhado.

Domino Azul.

PHARMACIA SIMPLICIO

Inaugurou-se esta semana, depois de completamente modificada, a pharmacia do sr. João da Costa Simplicio, na rua da Liberdade, d'esta cidade.

Ficou um estabelecimento modelar, confortavel e elegante, sendo, sem duvida, o melhor da provincia n'aquella especialidade.

GOVERNADOR CIVIL

Na quinta feira partiu para Lisboa, onde foi tratar de assumptos que respeitam á nossa provincia, o illustre governador civil do Algarve sr. Zacharias José Guerreiro.

Na *gare* de Faro, ao partir, foi alvo de uma calorosa e enthusias-tica manifestação de sympathia.

TRIBUNA LIVRE

AS MINHAS CONSIDERAÇÕES...

Ainda que só em meia dozia de terras se consultassem os eleitores, acabam-se presentemente escolhidos em todo paiz os deputados á Assembleia Constituinte.

É lamentavel que a Republica Portuguesa, logo nas suas primeiras eleições, n'estas que deviam ser livres da menor suspeita, as primeiras sob todos os pontos de vista, porque se tratava da escolha dos deputados que haviam de votar a lei fundamental d'uma nacionalidade e aperfeiçoar as leis revolucionarias que fizeram de nós um povo civilizado,—é lamentavel e é triste que a Republica Portuguesa, n'esta grandiosa manifestação da sua vitalidade, tenha accedido um dos processos mais repugnantes da monarchia.

Uma obrigatoria, voto livre e consciencia livre—era o que nós queriamos. Nem se comprehende que uma *constituição* republicana seja discutida por individuos que os eleitores não escolheram, e seja votada em nome d'este povo geeroso, que tão bellamente se resgatou da sorte indolente dos seus antepassados.

O ideal republicano já estava arraigado de longes tempos no espirito da grande maioria dos portuguezes, e a causa que fez astrar as concepções democraticas foi, acima de tudo a immoralidade, a corrupção, a orgia infame e dissoluta da realza e dos seus cumplices. Isto já ninguém o desconhece. Talvez nem fuisse preciso repetir a phrase que, nascida não sei onde, nos diz acertadamente que *quem fez a republica foram os monarchicos*. Sim, foram os monarchicos: as suas indignidades, as suas baixezas. A revolução nada mais fez do que proclamar e definir o que a vontade do povo já tinha consentido e, afinal, o que a devassa monarchia depoz cobardemente aos nossos pés.

Entre os republicanos, houve inquestionavelmente alguns heroes, que são dignos da altissima consideração em que todos os devemos ter, porque, não resta a menor duvida, foram valentes por abnegação e, mais do que valentes, foram patriotas de puro sangue. Mas é necessario que os não apreciemos a elles somente. Vejamos sempre á luz da razão e da moralidade as coisas e os homens. A revolta, permitti o paradoxo, foi uma coisa pacifica. A republica, ao ser implantada, não se manchou de sangue: nasceu tão risonha, tão bella, tão querida de todos, que, aos primeiros signaes de lucta, o paiz inteiro, em vez de correr em defesa da monarchia, d'esse velho regimen de *crápulas*, desferiu dos labios um sorriso de franca e intima satisfação, u'um ambiente novo, que era já de liberdade, e cruzou os braços, em testemunho de mais espontaneo assentimento e da mais expressiva confraternisação. É que o paiz queria a Republica: o paiz amava a Republica. Os heroes, que expozeram o peito ás balas, são dignos; porque nos deram a prova mais terminante da sua abnegação patriótica; mas os outros, esses que, apezar de republicanos, se não bateram nem sacrificaram, e ainda mesmo os que, por motivos desculpaveis, se confundiam nas cohortes monarchicas, esses não os deveremos julgar menos dignos, porque se não expozeram o peito ás balas em favor da Republica, tambem o não expozeram em defesa da monarchia.

N'estes termos, a Republica não é

nem pode ser unicamente para os que fizeram sacrificios e muito me- nos para a generalidade dos republi- canos historicos: é de todos os portu- guezes, porque todos auciavam por ella e todos a receberam n'um delirio de paixão ardente. Houve alguns traidores, mas... traidores houve-os sempre, em todas as occasiões e em todos os logares. A propria vida mythologica de Christo nos dá o exem- plo da traição de Judas.

Se não fossem os republicanos ta- citos, que, apesar de se não terem manifestado, eram tão republicanos como os outros, do que deram pro- vas, que seria de tudo isto? Acaso a Republica se teria implantado? Aca- so ella se poderia manter? Não. Já veem, pois, os republicanos histori- cos até onde vae a sua força e até onde vae a importancia dos neo-re- publicanos.

É se tudo assim é, por que moti- vo a grande maioria do povo portu- guez não havia de manifestar a sua opinião, a respeito da escolha dos representantes? Por que motivo os republicanos historicos, esses que, seleccionados bem, constituem a in- significante minoria de dez por mil, entre os portuguezes, arrogaram a si o direito de, por intermedio das commissões politicas e do directorio, dispor dos nossos destinos, usurpan- do-nos os poderes que, em nome de todos os cidadãos, confiaram escanda- losamente aos deputados? Para as- coisas terem de correr d'este modo, não seria preferivel que, em vez de se publicar um decreto eleitoral, se publicasse um decreto de nomeação do poder legislativo?

Havendo eleições, com liberdade de voto e de consciencia, o povo, representando-se nas "Constituintes" fixaria os seus direitos e as suas obriga- ções e deveres: seria livre confirme- quizesse. D'este modo, não: será li- vre conforme o directorio e as com- missões quizerem, o que é bem dif- ferente.

Em theoria, a "Constituição" é uma lei fundamental. O povo, porque é n'elle que reside toda a soberania, estabelece e organisa os diversos poderes do estado. Mas a pratica faz ás vezes o que a theoria não acuse- lha, e foi isto justamente o que suc- ceo agora. Existiam provisoria- mente na Republica Portuguesa, o poder executivo e o poder judicial. O primeiro foi escolhido pelas revolto- sus, n'uma occasião de febre em que positivamente, não devia nem podia consultar-se todo o paiz; o segundo manteve-se, porque sempre se consi- derou um poder fixo e principalmente porque se não conheceram razões contrarias á sua estabilidade. Mas fal- tava-nos o terceiro poder, o legisla- tivo, que é, theoreticamente, o mais grave, o mais soberano e o de maio- res responsabilidades:—o mais grave, porque é de todos elles o que procede com mais estudo e circumspecção; o mais soberano, porque representa a propria soberania do povo; e o de maiores responsabilidades, porque do seu trabalho, da sua honradez e da sua intelligencia é que depende o futuro da nacionalidade portugueza. Ora, este poder, que em theoria é o mais directo representante do povo e a base legitima de todos os outros poderes, quem o escolheu? O povo? Podem os republicanos historicos di- zer que sim; mas nós os republica- nos de principios, continuaremos a dizer que não. O povo, relativamente aos circulos do Algarve e a todos os mais em que se não effectuaram elei- ções, não interveiu na escolha dos seus representantes.

Urna obrigatoria, voto livre e cons- ciencia livre—era o que nós queria- mos. Sendo assim, o povo certamente escolheria homens de trabalho, de sciencia e honestidade. Terão acaso estas virtudes os primeiros legisla- dores da Republica? Teem. É certo que os eleitores estão sempre no di- reito de suspeitar das pessoas que dispõem das suas liberdades, servin- do-se de poderes que lhes usurpa- ram; mas succederá isto na conjun- ctura actual da politica portugueza? Não. O povo portuguez, ainda que não tenha influido na escolha da gra- de maior dos deputados, entrega n'elles abertamente a sua, incontestá- vel soberania, e os deputados, que são homens honestos e patriotas, al- guns immensamente sabedores e ou- tros presumptivamente esclarecidos, não de ter hombridade bastante para

lhe recompensar esta prova admira- vel de confiança. O povo não esco- lheu os deputados, mas tem a cer- teza de que ao parlamento não con- correm falsos representantes, sem intelligencia, nem diguidade, nem patriotismo, dos quaes se não pode- ria esperar outro resultado que não fosse a deshoora das novas institui- ções e um allivio de miserias, a suffocar a nossa vida e a compro- metter a nossa independencia. O po- vo não escolheu os deputados, mas confia n'elles, porque, antes de tudo e acima de tudo, são homens que teem amor á sua patria e que, mo- vidos por este sentimento, a querem lavar de todas as podridões.

Assim deve ser e temos a certeza de que assim hade ser. Aos que sou- berem cumprir honradamente os seus deveres, com certeza os dignifica a benção do futuro; aos outros, aos relapsos, aos que não seguirem os dictames da sua consciencia, hade pungi los o remorso de não terem sido bons portuguezes.

E rematemos com esta grande ver- dade: o povo não escolheu os depu- tados, mas tem n'elles a maior con- fiança.

Faro, 1911

João Pedro de Souza,
advogado

BASILIO TELLES
As ditaduras e o periodo
revolucionario
Peçam n'esta typographia.

Adubos para milho

Para terras calcareas da (Extre- madura e Algarve) aconselhamos 100 a 200 kilos de Guano de Perou com 50 kilos de chloreto de potassio por alqueire de sementeira ou 100 a 300 kilos de um adubo completo apropriado á terra. Para terras barrentas e arenosas 50 kilos de cal azoada com 100 kilos de phos- phato Thomaz e mais 100 kilos de K. imite por alqueire de milho, consu- tuem uma magnifica adubação; pode, todavia, n'este caso, empre- gar se um adubo completo de for- mula apropriada á terra, 100 a 300 kilos por alqueire. Entre os adu- bos completos são os mais conhe- cidos os da marca registada *Trevo de 4 folhas*. O Guano de Perou con- vem preferir da marca Cornucopia de Ohlendorff. Ambas estas marcas e adubo em geral obtem-se da casa. O Herald & C.ª em Lisboa ou Porto.

CONSPIRADORES

Acham-se detidos em Faro, qua- tro individuos suspeitos de conspi- radores.

Apezar de grande sigillo que as autoridades guardam sobre o as- sumpto, parece ter-se averiguado que contra alguns d'elles existem provas evidentiissimas de que conspi- ravam contra a Republica e and- davam assalariando gente para promover uma contra revolução monarchica.

Consta que vão ser remetidos para Lisboa.

Dois dos presos pertencem ao exercito.

Na nossa typographia, vendemos:

- Os impressos para arrendamen- tos.
- Os recibos de juro d'inscripções.
- Os recibos de coupons.
- Recibos de empregados publicos.
- Recibos dos guardas fiscaes.
- Vales de muitas qualidades.
- Recibos de rendas de casas.
- Os impressos dos professores.
- Os impressos das execuções fis- caes.
- Bilhetes postaes de reclamo a casas de commercio ou industria.

E fazem-se:

Impressos para todas as reparti- ções publicas e particulares.

As casas que queiram revender estes artigos, peçam-nos, porque lhe fazemos bom desconto.

Typographia do Herald.

José Maria dos Santos
TAVIRA

À GANDAIA

Do nosso presado collega do Dis- tricto de Faro, apreciando a nefan- da acção dos boateiros:

«No Algarve é que não se conspi- rou, nem conspira. Nenhum dos seus filhos praticará qualquer affronta ás instituições vigentes.»

E assim deve ser para que a nossa provincia não perca os justos creditos de liberal.

Urge, porem, que os algarvios tomem a serio a palavra fraterni- dade, que ponham de parte odios velhos e antigas questionculas e que jamais se esqueçam de que a todos os portuguezes se impõe, no actual momento historico, o inde- clinavel dever de trabalhar para a consolidação da Republica.

Do *Diario Popular*, entre as noticias varias de Cabo Verde:

«Parece que uma inexoravel mal- dição paira sobre este povo desgra- çado.

Esperançoso em dias melhores pe- las inergias e salutaras medidas to- madas pelo sr. Marinha de Campos, eis que mandam retirar esse illustre governador, accusado de traidor por authenticos traidores e odiosos inimigos dos caboverdeanos.»

Que o governo da Republica sai- ba fazer justiça a Marinha de Cam- pos, são os nossos votos mais vehe- mentes.

Conhecemos o ex-governador de Cabo Verde desde os bancos da escola e sempre admirámos nelle um espirito entusiastico prompto a vibrar perante o ideal que o se- duzisse.

Mas esse ideal, garantimo-lo, nun- ca podia ser uma traição, que é um gesto sempre incompativel com o desinteresse e dos que trabalham para a conquista do bem geral.

Do *Seculo*, narrando as proezas dos conspirantes— implicados no caso do desastre do *Sud express*, que se indagou ser uma criminosa tentativa.

«Averiguaram (os ferro-viarios) egualmente que aquelle caso do «*Sud- express*» ha dias succedido e no qual viajava o sr. ministro das finanças, que regressava a Lisboa, vindo de Condeixa, foi propositado visto que o comboio que, antes tinha parado no sitio onde o desastre occorreu, não levava, como se disse, um wagon carregado de chulipas, e mesmo que assim fosse, ellas nunca poderiam ter caido sobre a linha, pela forma como foram encoltradas. O fim, por- tanto era fazer desviar o «*Sud-express*», que alli caminha a 70 kilometros á hora, para sobre uma ribanceira, occasionando uma desgraça enorme da qual ninguem escaparia.»

Custa a crer que individuos que se dizem portuguezes tentassem realzar tão tremendissima infamia!

Da *Encyclica* que o papa— o grande *charlatão do Vaticano*, na conceituosa phrase do illustre Hac- ckel, dirigiu aos bispos, a proposi- to da lei portugueza da separação da igreja e do Estado:

«Agora, porem, não posso por mais tempo guardar silencio perante uma lei que considero como expolia- dora dos bens materiaes da igreja e de oppressão no terreno espirital.»

Muito sentimos que a lei não agradasse a sua Santidade, mas não temos nada com isso. Aos por- tuguezes sabemos que agradou, e isso basta.

Oxalá possa servir de consolo ao papa a ideia de que isto de mysti- forios de igrejas são coisas que fizeram o seu tempo.

Quanto á *opressão espirital*, consinia, reverendissimo padre, que lhe achemos infinita graçal

Sabido como é que a Igreja tem sido, em todos os tempos a mais obstinada perseguidora do pensa- mento e a maior inimiga da Scien- cia, está claro que não se pode to- mar a serio aquella piada de sua Santidade acerca da *opressão es- piritual*.

Decididamente o santo padre este- ve a caçar com a tropa... Enfim... quem não tem que fazer...

MODAS

Já ninguem falla da *jupe-culotte!* Passou sem deixar mais do que a lembrança de uma visão desagra- davel, apesar das modistas preten- derem que a sua appareição terá grande influencia nas modas esti- vaes.

E' um parecer como qualquer outro.

Os tecidos leves e transparentes não se prestam á estreiteza exage- rada, necessitam, pelo contrario, amplidão para o seu effeito vapo- roso ser completo.

Mas um grande successo acaba de dar-se.

Em Inglaterra um decreto real prohibiu a saia *entravée*, a travadi- nha.

Lord Spencer participou ás mo- distas de West End que nas ceri- monias da corte não mais serão admitidas senhoras que levem saia *entravée*.

Uma das razões desta severida- de é que tal especie de saias é in- compativel com as reverencias e cumprimentos da pragmatica.

Parece, além disso, que o dese- jo expresso pela rainha, que consi- dera inconveniente a saia aperta- da em excesso, decidiu S. M. brita- nica a prohibi-la na corte.

Devemos registar o facto e evi- tar, pelo excessivo exagero das *en- travées* umas taes medidas rigoristas.

Mas falemos um pouco das no- vidades, do *dernier cri* da Moda, que eu, para ser-te agradavel, que- rida leitora, vou pacientemente es- cutando através do echo dos jornaes de Paris.

Por isso dir-te-ei que o estylo mourisco, com arabescos e côres vivas tende a reaparecer.

O *Imperio* domina, com mais ou menos variantes, mas é sempre bom accentuar que este genero de vestidos só convem ás senhoras magras.

Agora o *chic* são as saias *fendues*, deixando ver a *sons jupe*, que deve ser sempre de outra fazenda e côr.

Esta moda presta-se a lindas combinações de grande effeito.

Neste genero fazem-se encanta- dores *petits tailleurs de satin drape*, azul de um lado e branco *pekiné* e azul do outro.

A saia de cima, que é *pekiné*, descança sobre a de baixo, feita pelo lado liso e o panno detraz vol- ta-se formando *sobreposto*; mais lar- go na fimbria do que na cintura.

Na jaqueta, de talhe curto, toda a originalidade depende da colloca- ção da fazenda, que deve ser lis- trada.

O *assertoado* e os canhões devem dispor-se de forma que tenham uma só côr.

Começam tambem a usar-se as *marquissetes*, inteiriças, com bulero muito curto, de encaixe e faixa de tule *argenté*.

Os gabõesinhos cada vez se tor- nam mais curtos, predominando as rendas e os tules na sua guarnição.

Para tirar a monotonia da *toilette imperio* aconselham as especia- listas uma *echarpe*, presa ao decote e sustida por uma bôrlasinha junto da saia.

Tambem se preconizam as *peti- tes basques*, que são graciosas e de um effeito seguro.

Accentua-se a tendencia para a simplicidade no colorido. Mais de duas cores é excessivo. Em geral, a distincção vae até ao ponto de recomendar a mesma côr mas em tom diverso, isto é, abatido e car- regado.

Já que a variedade de figurinos não permite grandes fantasias, ou se *retrape*, cuidando muito nos de- talhes, que á primeira vista pode- rão ser insignificantes, mas que, todavia, são interessantissimos para o exito de uma *toilette*.

Quanto a chapéos... os mesmos modelos para variar.

Eis, querida leitora, num breve resumo o que sobre modas ponti- ficam os jornaes da especialidade, que tu, muito atarefada, por certo, não terás tempo de folhear e cuja consulta me serve agora de distraç- ção...

Rosal, Maio de 1911.

CAROLINA ANGELA.

CARTA DE FARO

ASPECTOS VARIOS DA SEMANA FINDA— CONSPIRAÇÕES, CONSPIRATAS E CONS- PIRANTES—O BISBILHOTISMO CIDADINO —GRUPOS CAUTELOSOS E PORTAS SUS- PEITAS—O SOL, O SEU LUMINOSO POA- LHO DE OIRO E A CASARIA PIFIA DA CIDADE—A FEBRE SALVATORIA DAS INSTITUIÇÕES E A PATENTE DO PLUMI- TIVO—SUMMARIÁ DESCRIPÇÃO DAS PROEZAS QUE PRATICOU—E RESULTA- DOS QUE OBTVE—BOATOS E «PÓ DE TÁCO»—A «INOCENCIA» CIDADINA E O TRATANTISMO INNATO DO INDIGENA—CORDRIINHOS, ANBOS E BICHINHOS DE CASPA—O SOL DA ROTUNDA E OS JOR- NAEES CAPITALINOS—A TURBA DOIRADA —O QUE ELLA FAZIA E O QUE ELLA FAZ—JOVENS DO HIGH-LIFE, «PINOCAS» DA ALTA E CONVICÇÕES POLITICAS— «HISTORICOS E HISTORICOS»—PARA- LELOS E CONSIDERAÇÕES—CARGA GE- RAL NO TRATANTISMO MASCARADO— PIADÁS, PIADINHAS E FACECIAS ETC., ETC.

Agitadissima, formigante, turbu- lenta a semana finda!

Uma vaga atmosphera de des- confiança envolveu toda a cidade, o sol embuçou-se no seu balandrau de nuvens, chuvinhou, e á bocca pequena fallava se de conspirações, de conspiratas e de conspirantes.

Incitada ao ultimo ponto a curio- sidade cidadina floresceu num mar pleno de bisbilhotismos.

Grupos cautelosos, pé ante pé, escuraram, a horas mortas, ás por- tas suspeitas, não estivessem para alli a conspirar na ancia de fazer partiada a joven Republica.

E, de madrugada, antes do sol ter começado a aitar para cima da casaria inesthetica e pifia da ci- dade o seu luminoso poálho de oiro, era toda uma visão livida de espectros a deslizar, recolhendo a penates, olheiras fundas, passo in- certo, gesto hesitante de vagabun- dos ou jogadores mal succedidos.

Certo é, nesta febre salvatoria das instituições que a todos acom- meteu, ter tambem pago á sua pa- tente o plumitivo.

Vigiou, inquiriu, espionou, colheu apontamentos, registou factos, e de tudo lhe veio o conhecimento pleno, convincente de que tudo quanto se rosnava mais não era do que uma caterva de boatos estupidamente lançados sob e a cidade, por igno- radas boccas criminosas, com a mesma requintada maldade com que se cobriria de pó de táco o cor- pinho debil de um innocente.

Ora a verdade, verdadeira, é que Faro, apesar das basofias do tratantismo innato que animam o indigena cidadão, é mais innocen- te, que um cordeirinho paschoal, mais simples, muito mais do que um desses ánhos que os antigos sacrificavam nos altares com a mesma simplicidade ingenua com que o mulherio da *alta* e da *baixa* usa, por cá dar caça ao *bichinho de caspa*.

Innocente, Faro? Sim, sem duvida.

Não fosse a innocencia patusca, quasi tola e semi-parva de toda esta santa gente é já tudo isto teria levado um outro rumo muito diver- so, agora que o sol da Rotunda alastrou pelos horizontes da Patria claridades novas.

Mas não! A sociedade cidadina limitou-se a encolher os hombros e a ler com mais cinco reis de attenção os jor- naes capitalinos...

E assim claramente se explica que a turba doirada que ainda hontem—ainda hontem é um modo de dizer—jantava com João Franco, no casinhotto pinturilado do Lethes concorria hoje, gárrulla e desfructa- dora, ás festarólas encarnadas e verdes.

Não seria censuravel o facto, antes digno de applausos se uma tal concorrência evidenciasse uma adhesão completa aos novos prin- cipios.

Mas não ha tal!

Em cada joven do *high-life* existe, pelo menos, uma fabrica de monar- chicos retintos, em embryão.

No fundo da consciencia de cada *pinocé* da *alta* existem tantas convicções democraticas como as que pejam o amago de certos rufiões da Republica, que ainda hontem marcavam listas ás dedadas, a fa-

A RIR...

vor do bloco, e hoje tendo por colleira uma gravata vermelha e verde, se apresentam como historicos e historicos são, certamente, na tanquibernia, no tratantismo e no desaforo!

Pasmará, sem duvida o leitor pacifico, desta minha investida atacante contra o que se lhe afigura ser o beijinho, o escol, a fina flor dos filhos da Republica.

Mas eu ellucido, eu esclareço um erro, que habitmente explorado por certos, que nos dedicam uma affeição capaz de nos derreter os tutanos em deliquescencias de ternura, tem florido n'uma longa serie de dissabores para nós outros; que nada queremos da Republica mais do que o cumprimento integral de um programma, que pouco a pouco vá aplanando o caminho para a ambicionada conquista do bem commum.

E é simples. Ha republicanos historicos e republicanos historicos.

Os historicos, genuinos e authenticos, merecem a consideração sempre devida aos que por qualquer ideal se sacrificam.

Foram perseguidos, presos, sofreram a fome, o exilio, o escarneio da turba grotesca do monarchismo, explorador e sentiram por mais de uma vez, o dilacerar das garras aduncas do padralhismo voraz.

A esses a nossa homenagem.

Os outros, os historicos inspiram nojo, são uns desprezíveis béras da politica apenas tolerados pela brandura dos costumes.

São historicos falsificados, são desqualificados politicos, gente sem convicções e que, á pressa, na vespera ou no proprio dia da revolução, envergou o balandru vermelho e verde.

E são estes taes os tartufos, que se apresentam agora mais arrogantes e burlescos, impando de audacia, sem lhes occorrer que os conhecemos de gingeira, que temos registadas as suas proezas no nosso livro negro e que lhe podemos gritar aos ouvidos: «Je te connais beau masque!» quando preciso for!

Oh! O desenfrado tratantismo! A seguir a estas considerações genericas, vinha naturalmente a talhe de foice estampar o nome dos sacripantas e esboçar-lhes um pouco mais detalhadamente as proezas que os nobilitam.

Mas... Até ao lavar dos cêstos é vindima.

E ponto, que hoje, bem contra meu costume, emburlei-me na politologia, sciencia da minha particular embirração, em prejuizo das muitas coisas interessantes que tinha a dizer.

Ficam para a semana. Ao revoir. Saude e bichas.

Sonapidio

Armações d'atam

(4.ª semana)

PEIXE VENDIDO NA LOTA DE VILLA REAL DE SANTO ANTONIO NA SEMANA DE 28 DE MAIO A 3 DE JUNHO.

Abobora—60 atuns, 40 atuarros e 15 albacoras; 1.402,874 réis.

Medo das Gascas—83 atuns, 15 atuarros e 2 albacoras; 1.524,916 réis.

Barril—4 atuarros; 13,333 réis.

Livramento—80 atuns, 44 atuarros e 23 albacoras; 1.821,285 rs.

Ramallete—166 atuns 23 atuarros e 4 albacoras; 2.810,914 réis.

Medo Branco—373 atuns, 164 atuarros e 8 albacoras; 6.834,830 réis.

Forte Novo—457 atuns; 139 atuarros e 33 albacoras; 7.844,288 réis.

Olhos d'Agua—740 atuns, 240 atuarros e 3 albacoras; 13.211,301 réis.

Senhora da Rocha—119 atuns, 67 atuarros e 34 albacoras; 2.422,665 réis.

Cabo Carvoeiro—50 atuns; 22 atuarros, 3 albacoras e 8 cachoretas, 868,848 réis.

Torre da Barra—61 atuns e 11 atuarros; 996,666 réis.

Atalaya—203 atuns, 143 atuarros e 154 albacoras; 4.355,309 rs.

TOTAL: 2.392 atuns, 912 atuarros, 279 albacoras e 8 cachoretas; no valor de 44.107,059 réis.

De Lagos, acompanhada de um cartão de um dos nossos presados amigos, que é, sem lisonja, uma das primeiras organizações jornalisticas contemporaneas, presentemente em villegiatura por terras barlaveniñas, recebemos a seguinte carta, que com muito prazer publicamos.

Trata-se de um repositório de finissima ironia como só sabem delinear a os espiritos bondosos e cultissimos como o do illustre escriptor a que nos referimos.

N. R.

Ao cidadão illustre, que modesta e piamente se pseudonyma Dominus Vobiscum.

Pulcherrimo cidadão.

O meu exultamento ao ler os seus artigos pittoresca e quiçá animatographicamente rotulados «Em volta do sr. bispo do Algarve», acaba de transmutar-se no mais impertinente dos pezares.

E' que V. deixou a tarefa em meio, com a aggravante de ter emburhado ainda mais a questão, como soem particularmente fazer todos esses a quem o vulgo denomina «amigos do diabo.»

Longe de mim suppor que V. seja dos taes. Não senhor, não acredito nem penso.

O que vejo e creio é que V. é exactamente como aquellos gramophones a que se extinguiu a corda.

Digo isto por V. ter finalizado os seus commentarios, descripção, ou o quer que seja, no ponto mais interessante, o que é um mal.

Ha de permittir-me pois que eu, fazendo-me echo de quantos, de bocca aberta aqui me escutavam a leitura dos seus artigos, (eu, meu presado sr., tenho a evangelica paciência de ler a esta gente, o melhor que posso, toda a jornalhada que me vem parar ás mãos)—lhe peça a sequencia da sua fita litteraria, que traduzida em photographias daria enchenetes sobre enchenetes aos Pathés e Cinematographos desta nossa provincetta.

E-tá a ver que me refiro ao seu «Mysterio da annuniação ou romancão da virgem Maria».

Abordou V. tão encabroso assumpto, segundo se infere do seu primeiro artigo, a pretexto das pérolas litterario-recreativas que venerando antiste do Algarve houve por bem distribuir, á laia de bonus universis, aos seus fieis ouvinies, nas ultimas festas paschoaes em Faro.

Muito bem! E-tava no seu direito. Mas a que titulo trouxe V. a virgem Maria para o caso, não me dirá?

E' lamentavel que V. esquecesse que as mulheres nunca devem ser chamadas para estas questões rascantes da Imprensa, em que nem sempre se topam cenaculos de gente bem nascida, como nós outros.

Ora francamente, V., com o vistoso mosaico da sua prosa, nada mais tem feito do que assoar casos de vida particular da virgem Maria, com a aggravante de estar atacando quem lhe não pode levantar um processo por injurias e diffamação.

Além do que, a sua impunidade, está mais do que garantida nos tempos actuaes em que só ha contemplação para um restricto numero de devoções.

V. manifesta-se anti-mariolatra, ninguem lhe irá á mão.

Mas pode, acaso V. apoiar o que affirma no testemunho insuspeito de quaesquer varões illustres?

Não pode, e mesmo que podesse em nada mudaria a face da questão.

A cembratanzas que lhe authenticassem a provavel falta da pretendida virgem, teria V. que contrapor a auctoridade de duzentos raiões que lhe assegurariam a pureza da mesma.

A questão, por isso, é tão imbrincada como util.

De resto, o sr. bispo fallou apenas das tres pessoas da santissima trindade e a virgem Maria como V. sabe, ainda nem mesmo adhe-sivamente, faz parte d'aquelle mysterio.

Na sua furia de amesquinhar o carpinteiro José, gratifica o V. com

meia duzia de qualificativos, que a sociedade burgueza auctorisa, mas que são de todo o ponto deslocados em jornaes, que, muitas vezes, vão parar ás mãos de senhoras e creanças.

Nem V. que sabe ser subtil, carece de forçar assim a nota.

Permitta-me pois que discorde é que attribua o facto á veriagem beshialisante que avassala os que moirizam nesta ingloria atafona da imprensa.

Se nós outros, os que escrevemos com punhos de renda, enveredamos por esse caminho, que ha de fazer a temulenta ralé que, de quando em vez surge aos vomitos, pelas columnas do jornalismo?

Para mais, V., no seu ultimo artigo, de tal forma nobilita o velho carpinteiro judeu, que este demuda-se numa figura toda impulsiva nada pelos ideaes modernos, visto que acceta para sua compãheira uma mulher que foi de outro, mas que, arrependida, lhe promete fidelidade.

Donde se vê, salvo erro, que V. chegou a uma conclusão contraria á annunciada nos seus primeiros artigos e que, o tal carpinteiro, longe de merecer chascos e zumbaias, só merece pelo seu gesto alhruista, a mais respeitosa admiração.

Mas, revertamos ao seu primeiro artigo, cidadão Dominus Vobiscum.

Dizer-lhe que toda a minha attenção se concitára, perante aquella sua primeira ejaculação philosophica, aguardando o mais e muito mais, que V. por certo poderia dizer, o mesmo é que affiançar-lhe que nestes ultimos tempos teem cahido umas branduras talvez propicias ao figo.

Conceda-me, porem, um momento dos seus affazeres—que devem ser muitos, visto ter interrompido as suas voltas á roda do bispo,—para que, á puridade discutamos essa questão bysantina que V. com tanta proficiencia abordou no seu primeiro artigo, em alguns pontos do qua, todavia, eu discordo por completo.

E esses pontos não me soffre o animo que por mais delongas os occulte, pelo que passo a expor-lhos com toda aquella velha franqueza luitana, que pelos modos vem dos tempos em que os do povo disiam aos reis: senão, não—com a mesma ou maior facilidade ainda com que, actualmente, desde o dvenio da joven Republica, se cantará o va-te embora Antonio a qualquer dos ministros que não cumpra o seu programma.

Parece ter desagradado a V. que o reverendo bispo tomasse para assumpto das suas reverendas palestras o revendidissimo mysterio da santissima trindade, mysterio ainda até hoje não explicado em nenhum dos manues do bom presgudidador, que conheço.

A fallar a verdade acho injusto o seu parecer.

De que havia de fallar o sr. bispo não me dirá?

Da carestia da hortaliça, da praga das greves, da efficacia do feijão branco para a prisão intestinal?

Não! Tal não devia.

Por isso, S. Ex.ª Reverendissima, com aquella sagacidade, que em geral caracteriza todos os reverendissimos e em particular o exalta, abordou o mysterio da santissima trindade orando, traiou-o daquella forma de que V. parece não ter gostado, mas de que eu, catholico, apostolico romano de X. P. T. O. London, desde que me entendo, gostei e fiquei muito reconhecido a S. Ex.ª.

E eu lhe digo a razão do meu reconhecimento: E' que S. Ex.ª foi eloquente sem ser prolixo, criterioso sem ser redundante, scientifico e translucido sem ser cummulativamente maçador!

Limitou-se a fallar da agua, das pedras preciosas e de outras coisas lindas.

Imagine, porem, que a S. Ex.ª dava na tineta exemplificar por coisas ainda mais comensinhas e pelo seu processo materialisante, o mysterio da santissima trindade.

Que innumeravel relação explicativa se podia elaborar pelo commodo processo de S. Ex.ª Reverendissima!

Para comprovar este asserto, eu, que em materia theologica orço naturalmente pela sapiencia de qualquer ignorante, compuz estes exemplos que lhe offereço e pelos quaes se pode facilmente explicar o mysterio da equivalencia de um por tres.

Assim teremos, tomando o corpo humano para exemplo: ossos, carnes e pellos (materia chifrinêa)—trino—corpo humano: uno.

Tomando por exemplo o sapato: Coiro, pregos e linha—trino, sapato—uno!

Tomando por exemplo as cereolas:—panno, botões e nastro, tres coisas distinctas—trino—e uma só verdadeira—ceroilas—uno!

Tomando o proprio vinho por exemplo, teremos:

Sumo de uva, agua e pau de campecne—tres coisas distinctas, trino!—Vinho, uma só verdadeira—uno!

E assim por deante, nesta especie de gymnastica espiritual e recreativa capaz de metter num chinello a dos melhores acrobatas, mas ainda assim, longe, muito longe de rivalisar em simplicidade com aquelle mysterio da taboada da multiplicação humana, em que, como V. por certo sabe, se algo entende de sciencias naturaes, um e uma fazem tres.

Concorda?

Pedindo-lhe que me releve a impertinencia, subscrevo-me de V.

Admirador

e confrade—sem frade

Amphioxus.

Lagos, 30 de Maio de 1911.

O Algarve renova o seu pedido para a elevação do Lyceu a Central.

Causou profunda impressão em Faro, e em geral em todo o Algarve a recente elevação dos lyceus de Bragança e de Santarem, a lyceus centraes.

Sabido como é ter o lyceu de Faro uma população escolar muito superior a qualquer d'aquelles dois estabelecimentos e a grande distancia a que se encontra do lyceu de Evora bem se pode avaliar qual o descontentamento suggerido pela preterição.

O Reitor do Lyceu, depois de entrevistar o governador civil partiu para Lisboa, na intenção de renovar as suas instancias junto do sr. ministro do Interior.

Por sua vez o sr. Zacharias telegraphou ao ministro, fazendo-se echo do descontentamento de todo o Algarve e instando mais uma vez pela elevação do lyceu a central.

O ministro respondeu perguntando se seria facil em Faro a criação de um internato escolar, fiscalizado pelo governo, pois só assim, nos termos em que fôra concedida a elevação do lyceu de Santarem a central, se lhe afigurava possivel satisfazer as antigas pretensões do Algarve.

O chefe do districto, muito embora respondesse affirmativa ao sr. ministro do interior, resolveu partir para a capital no dia 31, no intuito de, fazendo-se acompanhar pelos oito deputados eleitos por esta provincia e mais dois officiaes o exercito e dois membros das commissões politicas e administrativa de Faro, procurar o sr. ministro da guerra afim de lhe solicitar varios melhoramentos estrategicos para a provincia indo depois ao ministro do interior, instar novamente pela elevação do lyceu a central, o que, desta feita se nos afigura em bom caminho.

Oxalá sejam agora attendidas as justissimas pretensões dos algarvios, sempre tão desprezadas pelas camarilhas do monarchismo.

Oxalá a elevação do lyceu de Faro a central se realice quanto antes porque, temos a certeza, a uma tão necessaria como urgente transformação do nosso lyceu responderá, sem duvida, como é urgentissimo tambem, seguidamente, a criação de duas escolas mu-

nicipaes secundarias, ou lyceus nacionaes, uma em Lagos outra em Tavira, como de tanta utilidade seria para a nossa provincia e mais de uma vez temos aventado n'este jornal.

O Lyceu de Faro é finalmente elevado a central.

Na sexta feira, 2 do corrente, a Direcção Geral d'Instrução Publica telegraphou á reitoria do lyceu, participando a elevação do lyceu de Faro a central. Vac ser creado um internato escolar sob a inspecção do Governo.

Ha grande entusiasmo entre a academia. E' geral o contentamento. Os estudantes projectam uma grandiosa manifestação de sympathy chegada do governador civil.

Já regressou a Faro o sr. Callado Nunes, reitor do lyceu.

Foi imponentissima a manifestação da acadmia em honra do governador civil.

O sr. Zacharias Guerreiro foi extraordinariamente victoriado por toda a população academica que o aguardava na gare, com o estandarte da academia, musica etc.

Foram levantados calorosos vivas ao governo provisorio da Republica, ao sr. Antonio José d'Almeida e ao sr. Zacharias Guerreiro.

A academia, numa improvisada marcha de saudação acompanhou o sr. governador civil até á sua residencia, dispersando em seguida.

E' grande a satisfação em toda a cidade pela elevação do lyceu a central, tendo ido os principaes vultos de Faro apresentar ao sr. Zacharias as suas licitações e manifestar-lhe o seu reconhecimento pelo empenho que sempre manifestou em conseguir um tão importante melhoramento para esta provincia.

NOTICIAS PESSOAES

Fazem annos:

- Hoje, 4.—D. Isabel Bivar, D. Joanna Pinto.
Segunda, 5.—Beroardo Francisco Diniz Ayalla, a menina Anna Victoria d'Amaral.
Terça, 6.—D. Maria de Souza Carmo.
Quarta, 7.—D. Georgina Leiria Ravasco, D. Marianna Romalho, Honilquo Afaoso Judice Cavaco.
Quinta, 8.—D. Aona Judice da Costa Caroeiro, Sebastião Estacio Tello, Dr. João Franco Pereira de Mattos.
Sexta, 9.—D. Maria Leiria.
Sabado, 10.—Dr. Frederico Chagas, Antonio Xavier da Triidade.

Esteve em Tavira com sua esposa e filho o sr. dr. João Augusto de Mello e Sabbo, notario em Loulé.

Está em Tavira o sr. José Afonso dos Santos Fonseca, professor official em Cachopo.

Esteve em Tavira o coronel sr. José de Mello Pereira de Vasconcellos.

Esteve em Tavira na quinta feira a sr.ª D. Maria Solesio Padinha.

Já regressou a Faro o nosso presado amigo dr. Francisco Honorato de Sousa Vaz, distincto clinico naquella cidade.

Estiveram em Tavira os srs. José Guerreiro e João Abel Teixeira, de Loulé.

DESASTRE

Na sexta feira á tarde caiu de uma amoreira, no Largo do Cano, fazendo um ferimento grave na cabeça um menor, filho do sr. Pedro do Nascimento d'esta cidade.

CINEMATOGRAPHO

Hoje exhibe-se no salão animatographico d'esta cidade a soberba fita dramatica de 1.000 metros A eserava branca e as fitas Robinet atrazado, Lago de Theem e Ultima amiga.

SERRALHERIA

DE

José Ribeiro Ramos & C.ª

Participam que na sua officina se fabricam prensas de columnas, para azeite, com maior ou menor força, garantindo a maxima solidez e perfeição.

Tambem se fabricam engenhos de ferro rasteiros e moriscos para noras.

MERCAADO DE GENEROS

Preço dos generos abaixo designados durante a semana finda

Table with 3 columns: Item name, Price, and Unit. Includes items like Trigo broeiro, Cevada, Centeio, etc.

CAIXEIRO

Com pratica de fazendas. Precisa de um, Antonio Soares Mansinho. Rua Alexandre Herculano, Rua da Liberdade.—TAVIRA 66



Meu filho Alvaro

de 8 annos de idade, era muito escrofuloso. Sofria horrivelmente, andava fraco e abatido, parecendo mesmo rachitico. E' pois com grande satisfacção que lhes participo que meu filhinho se encontra perfeitamente restabelecido desde que tomou com optimos resultados a Emulsão de Scott.

Testemunho de D. ANNA LOPES, da rua Barão de S. Cosme, 286, Porto, em 4 de Agosto de 1909.

O leitor, não consentiria, não é verdade? que seu filhinho continuasse a soffrer, podendo evital-o. De certo que não. Pois bem, a Emulsão de Scott, segundo provas colhidas por milhares de medicos, parteiras e paes, é um remedio infallivel para a escrofula e para o rachitismo.

EMULSÃO DE SCOTT

Eis o remedio para os padecimentos de seu filho; cabelle a obrigação de lho applicar.

Quando procurar o preparado de Scott, que não pode deixar de curar, recuse terminantemente aceitar outras emulsões que não podem curar.

NOTA: Apesar do imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogharias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços seguintes, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, cobrem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Molhinho da Silveira, 85, 1.º, Porto. Exigir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.

Academia de Estudos Livres

Para que se possam avaliar os relevantes serviços que esta benemerita instituição, sem auxilio algum do Estado ou de qualquer outra entidade, continua prestando à causa da educação popular, publicamos a seguinte nota estatística do numero de alumnos matriculados nas suas aulas, no corrente anno lectivo, até 30 d'abril ultimo:

Table with 2 columns: Course name and Number of students. Includes 'Aulas diurnas', 'Aulas nocturnas', and 'TOTAL'.

N.º total de alumnos matriculados 463 (sendo approximadamente a 4.ª parte do sexo feminino)

A differença entre o numero de matriculas e o de alumnos matriculados é devida a haver alumnos matriculados em mais de uma aula. As aulas diurnas da Escola Marquez de Pombal são frequentadas por creanças dos 6 aos 12 annos de idade. Estão a cargo de 4 professoras, havendo tambem um professor de gymnastica, o sr. João de Brito, dedicado amigo da Academia. Tambem funciona uma aula de canto Choral, regida pelo professor dr. Silveira Pires.

CARRERAS A VAPOR NO GUADIANA

Table with 4 columns: Day, Hour, Destination, and Time. Lists routes between Mertola and Vila Real.

LEIS REPUBLICANAS

LEI ELEITORAL

2.ª EDIÇÃO 40.º FOLHETO DA COLEÇÃO com as alterações ultimamente publicadas na folha official.

A venda as seguintes de interesse geral: N.º 1, Lei de imprensa—N.º 3, Lei do divorcio—N.º 7, Lei do inquilinato—N.º 17, Direito á greve—N.º 20, Leis de familia—N.º 21, Descanço semanal, Attentados contra a Republica—N.º 36, Lei do registo civil—N.º 37, Modelos e formulario da Lei do registo civil—N.º 38, Descanço semanal e seu regulamento—N.º 39, Lei do Recrutamento Militar—N.º 41, Reorganisação dos serviços de instrucção primaria—N.º 42, Separação da Igreja do estado, etc.

CADA FOLHETO CONTENDO UMA OU MAIS LEIS —50 reis—

Esta empresa está editando TODOS OS DECRETOS publicados no "Diario do Governo" desde a implantação da Republica, garantindo que a collecção é sempre meticulosamente feita pela folha official.

Pedidos á BIBLIOTHECA D'EDUCAÇÃO NACIONAL Typographia Gonçalves 80, Rua do Alecrim, 82—LISBOA

MARIA DO CARMO LOPES

Por preços modicos ensina bordados, labores, renda inglesa, etc. Rua da Liberdade, 18—Tavira. 65

ANEMIA advertisement featuring an illustration of a woman sitting in a chair. Text describes the symptoms of anemia and the benefits of Pink Pills.

A Anemia projecta uma sombra sobre a existencia da mulher. Torturada por este mal, definha, privada de forças, privada de alegria. Pouco a pouco, uma pallidez mortal lhe desbota as faces, os olhos mostram-se-lhe velados pela tristeza; toma-se-lhe o andar vacillante e moroso, todas as suas attitudes denunciam fraqueza, extenuação. Se despreza esse mal-estar, não darão a apparecer os irremediaveis symptomas da phytica.

Tem, portanto, extrema necessidade de sangue rico e puro. Dêem-lhe as Pilulas Pink a começar de hoje mesmo, porque ellas dão sangue rico e puro a cada pilula que se toma. As Pilulas Pink dão forças, appetite, boas digestões; tonificam o systema nervoso e fazem recuperar a alegria e o encanto que só a saude perfeita podem proporcionar.

CURAS: Aos anemicos, aquelles enjas forças se encontram exaustas, indicaremos a cura da senhora D. Silveira Cunha, residente em Lisboa, rua dos Remolares, n.º 6, 4.º andar, e que nos escreve, o seguinte: «Havia muito tempo já que eu estava muito anemica, muito debilitada. Tinha continuamente pontadas nas costas e no peito e tossia muitissimo. O appetite desaparecera de todo; não me sentia nada bem. Depois de haver experimentado varios remedios, que nenhum resultado me deram, decidi-me um dia a tomar as Pilulas Pink. Estas Pilulas curaram-me rapidamente. Hoje, a minha saude é excellente, e por isso venho exprimir a V.ª a minha gratidão pela cura que obtive.»

PILULAS PINK

Estão á venda em todas as pharmacias pelo preço de 800 reis a caixa, 4.500 reis as 6 caixas. Depósito geral: J. P. Bastos & C.ª, Pharmacia e Drogharia Peninsular, rua Augusta, 39 a 45, Lisboa. — Sub-Agente no Porto: Antonio Rodrigues da Costa, 102, Largo de S. Domingos, 103.

MONTE-PIO ARTISTICO TAVIRENSE

ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

DE ordem do sr. presidente da mesa da Assembleia Geral é convocada a mesma assembleia para se reunir no dia 25 do corrente mez de junho pelas 3 horas da tarde, na sede d'este Monte-Pio, afim de discutir e votar o parecer do conselho fiscal da gerencia do anno findo de 1910.

Na conformidade do artigo 75.º dos estatutos estão desde já patentes no escriptorio d'este Monte-Pio, os livros, documentos e o parecer acima referido.

Não havendo numero legal de socios para esta assembleia poder funcionar, fica desde já feita a convocação para o dia 2 de julho, á mesma hora, no mesmo local e para o mesmo fim acima indicado.

Tavira, escriptorio do Monte-Pio Artistico Tavirense 8 de junho de 1911.

O Secretario, José da Conceição Chagas. 75

CAVALLOS

Para sela e tiro, muito mansos, promptos para trabalho, sós ou acompanhados. Villa Real de Santo Antonio—Lezirias do Guadiana. 70

CASEIRA MECHANICA

Aluga-se em Villa Real de Santo Antonio.—Lezirias do Guadiana.

QUINTA

Vende-se uma quinta, proximo a Santa Luzia e junto á estrada da mesma, a um kilometro da cidade, consia de terras de semear, sequeiro e regadio, com duas noras abundantes de boa agua, vinha, figueiras, laranjeiras e outras arvores de fructo. Que para creação de gados, presta-se como nenhuma por estar situada á margem do rio e de grandes sapas. Toda em boas condições. Trate-se com José Frazão, TAVIRA. 7

CASAS

VENDE-SE uma morada de casas na Rua dos Mouros com os n.ºs 25 e 27 de policia e Rua das Capacheiras, n.º 4, com 6 compartimentos, sobrado e um pequeno quintal. Quem pretender dirija-se a Joaquim Eduardo dos Santos.

CARVÃO PARA DEBULHAS

De Cardiff e Newcastle, qualidades especiaes para queimar nas debulhadoras, a preços resumidos.

Teem quasi constantemente vapores á descarga.

Egualmente com carvão de Forja, coke de fundição, coke para cosinha, e Anthracite, da qualidade "GREAT MOUNTAIN" para motores a gaz pobre.

Pedidos a O. HEROLD & C.ª Rua da Prata n.º 14—Lisboa R. da Nova Alfandega n.º 22—Porto

EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação) Pelo juizo de direito d'esta comarca de Tavira e cartorio do escrivão abaixo assignado; correm editos de trinta dias, á contar da data da segunda-publicação d'este annuncio no Diario do Governo, citando a interessada Antonia Mathias, ausente em parte incerta da Hespanha, para todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de seu avô José Martins residente que foi no sitio dos Carneiros, freguezia de Santa Catharina, d'esta comarca, e no qual é inventariante o filho José Martins, residente no mesmo sitio e freguezia, sem prejuizo do andamento do mesmo inventario.

Tavira, 23 de maio de 1911. Verifiquei: Serpa. O escrivão, Arthur Nevés Raphael 76

1.º ANNUNCIO

No dia 25 do corrente mez de junho, pelas 11 horas da manhã, á porta dos paços do concelho, na Praça da Republica d'esta cidade, vae pela segunda vez á praça para ser arrematado a quem maior lance offerecer sobre a quantia de reis 275.000 metade do seu valor, um predio urbano nobre na rua Direita freguezia de Santa Maria d'esta mesma cidade, com os n.ºs 60 e 62 de policia, que consta de seis compartimentos no primeiro andar, varanda, um baixo com dois compartimentos, quintal e poço d'agua, uma casa para despejo e cavallaria allodial, avaliada em 550.000 reis. Este predio pertence a Francisco Manuel da Trindade Cruz, marítimo e mulher, d'esta cidade; foi penhorada na execução contra elles intentada por José Joaquim Rodrigues, d'esta dita cidade, e é o que não teve lançador na praça de 28 de maio ultimo, annunciada por editaes e annuncios de 2 do mesmo mez. Pelo presente e nos termos do artigo 844 do Codigo processo civil, ficam atados quaesquer credores incertos.

Tavira, 5 de junho de 1911. Verifiquei:—Serpa. O escrivão, José Joaquim Parreira Faria 77

1.º ANNUNCIO

No dia 25 do corrente, por 11 horas da manhã, na rua Almirante Candido dos Reis, d'esta cidade, e na caza onde residia o fallecido Lourenço das Chagas Faria, serão vendidos em almoeida e arrematados a quem maior lance offerecer varios moveis taes como: caixas, formas, bahús, cadeiras, garrafas, roupa etc.

Estes bens são vendidos pelo processo de herança jacente deixada pelo dito fallecido e instaurado a requerimento do Ministerio Publico.

São citados quaesquer credores incertos nos termos do n.º 1 do artigo 844 do Codigo do Processo Civil.

Tavira, 8 de junho de 1911. Verifiquei: Serpa. O escrivão do 3.º officio, Manoel Martins de Sousa Caraga. 78